



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Salão de Pôrto—Povo de Sousa  
Vales do Correio para Cete—Preço 1000

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvaros R. Santa Catarina, 828-Pôrto  
Visado pela Comissão de Censura

# CASEBRES

**E**XISTE na cidade de Coimbra uma comunidade religiosa que escolheu o nome colectivo de *Creaditas dos Pobres* e na verdade, cada uma delas serve o Pobre em sua casa. Nem todas, mas algumas das hoje creaditas, foram ontem senhoras, verdadeiramente senhoras no século. Escutaram, um dia, a voz do Mestre, deixaram a *barca e as redes*, e e-las feitas hoje pescadoras de almas. Visitam o Pobre.

Os irmãos empobrecidos, são uma afirmação da presença real de Jesus Cristo na terra. Quem os vê e compreende nesta luz, faz prodígios. Vive em perene adoração.

Ora foi justamente uma *Creadita* que um dia, falando nós da vida amarga dos pobres, me disse com voz também amarga: *se eu tivesse dinheiro havia de mandar construir casas para os pobres*. Ela tinha vivido em casas, antes de abraçar a Cruz. Sabia como viviam em suas casas, os das suas relações. Se algum bem fez aos pobres enquanto senhora, eles é que a procuravam em sua casa, que não ela na deles. Nunca tinha visto a tristeza que vai dentro do pardieiro. Agora, porém, tinham mudado as coisas de figura. Pela sua missão de visitadora, começa a viver a sorte dos humildes e vai direitinha á ferida: *se eu tivesse dinheiro...*

Acontece que as pessoas que verdadeiramente se dedicam á vida dos pobres, são quem menos pode ir ao encontro de suas grandes necessidades. Em regra, são também pobres ou, por amor deles, tais se fizeram. São mendigos dos pobres. Lidam com migalhas. Não podem rasgar—*se eu tivesse dinheiro*.

Não podem, sim, mas as lágrimas que se deram por amor dos irmãos, teem a força das cataratas. Esta força arrasta, convence, mexe no coração dos homens.

De poderosos, sentem-se humilhados, pela vergonha de deixarem que os da sua carne vivam como os animais.

O Evangelho entra pelos ouvidos, revela-se interiormente e cria no peito convicções. É impossível que a leitura assidua deste jornaleto, não tenha transtornado muitas almas. É impossível. Claro está que, por isso, ninguém vai desatar a construir casas para os pobres, mas não falta quem chore, agora, a desgraça do pardieiro. Porquê? Porque a conhece. Quem é que o diz? *O Gaiato*. Quem é que a descarna? *O Gaiato*.

Se os casebres da nossa terra fossem casas, poderia o mundo dizer que somos cristãos. Mas não. São casebres. De lá sai a vida que perturba a vida social. Não podemos esperar, muito menos exigir aprumo, decôro, costumes, moral, palavra,—nada daquilo que qualifica o homem. Não podemos, que ali dentro, no seio daquela família, há sómente uma preocupação: a necessidade de comer. Mais nada. Muitos vão ao banco dos réus, levados por aquela necessidade, que nasce naquele pardieiro.

Casas pobres para as classes humildes. Casas pequeninas com janelas pró sol. Casas que aqueçam e embalem. Berços de família. Não importa

rendas. As rendas enfeitam, sim, mas não são o berço.

Os capitalistas levantam praí orgias sem destino! Está bem. São senhores do que é seu. E os pobres de quem são? Aonde hão-de eles viver? O que os meus olhos não teem visto, meu Deus! Olhos marejados. Oh força das lágrimas! Se eu fosse chamado a um tribunal de justiça, muito tinha que dizer. Mas não sou. Ninguém me chama.

Dantes, naqueles tempos *obscuros* dos quais se tem dito e ainda diz cobras e lagartos; naqueles tempos, digo, havia as Honras e os Castelos. As Confrarias. Os Conventos. Era a protecção. Hoje há musgo e opas.

Casas. O problema é de todos. De todos os que podem. Casas,—e depois, *mas só depois*, é que se poderá começar a fazer alguma coisinha em materia de assistência.

Já se trabalha, sim. O sol quer despontar. Não é somente o Estado. Os Particulares também se começam a interessar. Com que alegria não vejo eu essas noticias! Com que alegria não há-de vê-las a *Creadita dos Pobres*. *Se eu tivesse dinheiro!* Já se trabalha sim. Mas êle há tanto, tanto que fazer, que quasi não aparece o o que está feito. Começou/se muito tarde!...

## UM CASO

Um dos meus, que trabalha na Baixa, morre por me ver no Porto, e eu gostaria que ele *morresse* muitas vezes, mas não posso. De manhã, saímos ambos de D. João IV e até aos Congregados, onde fico a celebrar, são novidades e anedotas e perguntas e *olhe praqui e veja acolá*, até nos separarmos. Passou aqui as suas férias em Setembro, e levou 3 quilos de carne limpa! Já lhe disse para indagar dos mestres, no Porto, quantos quilos de borôa deve ele ter rilhado para chegar ós três de carne. Deve ter sido muita coisa porquanto, sempre que eu me encontrava com ele via-o ocupado...!

Como ele entra para o escritório ás 8,30 e sabia que antes daquela hora eu devia estar em S. Bento, pô combóio, apareceu ontem na estação. *Uma gare*. Passei-lhe para as mãos o porta-moedas. Comprou a gare. Entramos os dois. *O apaixonado* ripou os embrulhos das minhas mãos pecadoras e ambos fomos colocar na carruagem. *Aqui é que é!* Era primeira. E' o que reza o passe que me deram. *A burro dado*... Uma vez instaladas as coisas, saímos e fomos ó chocolate, ó quiosque. Passei-lhe de novo o porta-moedas. *Eu ando*, disse. E andou com a despeza dos dois paus dele. Veio á baila, enquanto trincavamos, um ponto em que ele

## CANTINHO DOS RAPAZES

O Avelino cumpriu o seu tempo de provação. Cumpriu nobremente. Não amuou. Outro tanto não posso dizer aqui, infelizmente, daquele vosso companheiro que está sofrendo castigo na casa do Porto, pela mesma causa. Lambarices. Eles compram lambarices com gorjetas dos recados que fazem, nas casas aonde trabalham. A intenção é boa: *toma lá meu menino*.

Mas os resultados são pessimos. Fazem-se gulosos e quando não há dinheiro de gorjetas, qualquer outro dinheiro paga guloseimas!... Foi o que se deu com o Avelino. O mesmo se diz de quem está actualmente a sofrer castigo.

Este caso, porém, é mais infeliz. O castigado amuou e não me fala. Não me saúda. Pior para êle. Muito tem que sofrer na vida, mais tarde, quem não receber agora o castigo com dignidade.

Pois nem por isso deixará de ser castigado, sempre que o mereça. Eu não posso deixar de o fazer. Ai de mim se o não fizesse! Ai dos pais que poupam seus filhos enquanto pequenos; veem mais tarde a cair-lhes na mão!

Era de uma vez um moço novo que foi condenado á morte. Morte de força. Mandá chamar a mãe. Ela vem no momento em que ele caminha para a morte. Aproxima-se e quando se julgava que ia dar na sua mãe o derradeiro beijo, arranca-lhe a ponta do nariz, com uma valente dentada: *Por sua causa é que eu vou prá morte!*

Antes quero que este *meu filho* agora amue do que ter mais tarde ocasião de dizer com fundamento: *se não fosse êle!*...

muito gosta de tocar: uma borla a Coimbra no nosso carro. Ora isto não é comigo. Eu quero, sim, mas o tempo dele não é dele nem é meu. E' dos Patrões. Se os Patrões quiserem eu mando engatar logo. São 10 cavalos!

Aproxima-se a nossa hora; o combóio vai partir. Há saudades de parte a parte. Temos apenas uns minutos, que o meu amigo aproveita deliciosamente, num caso delicioso. Aqui vai ele. A graça com que o contou, é intransmissível; isto é copia.

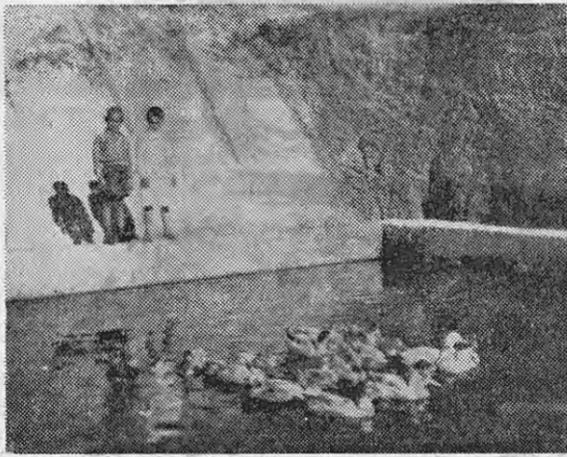
— Eu andava a vender e um homem disse-me: tu queres 20\$00? Era um homem assim pobre, com uma malita na mão. Eu respondi e disse: o senhor é pobre, mas se ma der eu aceito. Ele deu-me a nota e eu fiquei todo contente. Ele olhou muito pra mim e disse-me: a alegria é minha. E chorava, e limpava os olhos, e tornava a chorar.

— Mas o homem chorava assim como tu dizes?

— Sim. Limpava os olhos e vinham mais lágrimas.

— De que era?

O rapaz calou-se. Não me soube dizer de que era. E era ele; era ele mesmo, a causa daquelas lágrimas! Ele não sabe que causa lágrimas!



No espelho dos nossos lagos, os patos são ornamento. Comeu-se um aqui há tempos porque um peru o matou, mas eles não são para isso. São para grasnar. Nós gostamos de cá ter muitas vozes. Ele patos, éle galinhas, ele perús, ele os garnizes do "Periquito", mai-las queixas que éle me faz todos os dias: "olhe aquêle que me atirou o garnizé ó ar."

# De como eu fui a Melgaço

Fui sim senhor. Um sacerdote dali, pediu-me que fôsse à vila dizer da *Obra da Rua* e eu não me fiz rogado. Foi num domingo. Cheguei às catorze e quê e logo me dirigi à igreja dum convento que fôra de frades franciscanos.

Como os conventos arruinados não falam à alma da gente!

Se ao menos houvesse uma fôrça que os destruisse como a houve para os arruinar, eles hoje não se queixariam, nem nós os chorávamos. Não existiam e acabou-se. Mas não.

Eles estão.

O povo da vila e aldeias esperava. Crianças pediram, no fim. Com o ser moedas pequeninas, a soma foi tida por considerável, para os costumes da terra. Notava-se um mar de garotos na assistência. Farrapões autênticos. Rapazes abandonados. Que será isto, dizia eu com os meus botões?! Uma vila tão pequenina, e tantos filhos sem pai — que será?! Entrado que fôra na casa acnde me quiseram instalar, e que bem, começa a vir uma bicha de Mães em cata do tal padre que recebe meninos. Era eu. Passou palavra, e aquelas Mães facilmente acreditavam, que essa era a minha missão. *Leve-me êste!* Eram chusmas. Rapazes fortes, sãdios, muito sujós, todos repelentes. As mães da mesma sorte. Nunca tal vira!

No dia seguinte, o Senhor aonde pernoitei, quis que eu fôsse até S. Gregório, ver onde é que Portugal começa. Fomos. O amigo Pires também foi. O Pires é o mecânico da terra, chamado para tudo, por todos, desde Melgaço até Monção. E' um homem de rara habilidade, sempre pronto a servir. O nosso jornal tem nêle um amigo. Não assina, mas lê um que lhe emprestam e faz comícios!

O Pires guiava. Em 10 minutos chegamos. Lá estava a ponte, guarda de cá guarda de lá, a dizer que portugueses e espanhóis não são tão irmãos, como prai se afirma. Pires apontou uma casa lá no fundo, mesmo à beirinha do Minho: —Sabe de que é feita aquela casa?

—Sei sim senhor. E' de pedra e cal.

—Não é não senhor.

?! E' feita de sabão e de bacalhau!

E o meu amigo, conta de como o dônô dela, pedreiro que era, passou a senhor. Como aquêle, muitos outros por ali. Contou-me coisas negras do comércio negro, e foi então que eu dei no vinte. Compreendi num instante a presença de inúmeras crianças abandonadas na vila de Melgaço. Abandonadas da família que é justamente o pior dos abandonos. E' o sangue a repelir o sangue.

Já cá se sabia há muitos séculos que a ambição dos homens gera necessariamente a miséria. Já se sabia, mas éle é bom que o povo dê estas lições ao mundo, para bem dos que não acreditam na lição do Evangelho. Para que êsses vejam e acreditem e se convertam à Pobreza.

O Evangelho também é prégado na vila de Melgaço, à moda dos seus habitantes. Ouvi eu. As mulheres diziam assim: Padre, porque esta nossa gente se ocupa no comércio negro, é que nós lhe trazemos estes filhos assim, sem pai!

Comércio negro! Casas feitas de bacalhau e de sabão! Quantas delas,—sepultura dos seus donos!

Como gosto eu do qualificativo *negro!* E' o mesmo que se atribue à côr da fome, à côr da morte!

Desgraças de mãos dadas!

# SILENCIO

Quem quiser vêr coisas sublimes, entre nos lares cristãos. Ali tudo é grande. A morte, essa é magestosa. Eu vi. Tinha ido ao funeral. Em baixo, na camara ardente, a defunta. Em cima, no mesmo quarto aonde ela morrera, o Marido. Estava sentado num *maple* largo e fundo, a chorar muito baixinho.

—Já vai sair, pergunta ele a um filho.

—Vair sair agora.

Ele levanta-se imediatamente. *Quero estar de joelhos quando ela sair*, disse. E ajoelhou-se no chão.

Um acto de humildade perfeita. De braço dado na vida. De braço dado na morte. *Quero estar de joelhos.*



Aqui vai o rancho. Tudo quanto seja dar de comer, os rapazes gostam. Cada um puxa para o seu gado. A's vezes há serios barulhos.

—Larga isso que é prás vacas.

—Mas não. E' mas é prós porcos.

Já tenho visto sangue a jorrar!



# Noticias da Casa de Miranda

por CARLOS VELOSO DA ROCHA

Mal começa a manhã cada qual vai para o seu trabalho. Em alguns dias os grandes desaparecem todos de casa logo de madrugada. O Manuel levanta-se antes das seis para ir para Vila Nova, a 7 quilómetros trabalhar de pedreiro; o Zé Maria e o Camilo levantam-se às cinco para ir a Vila Seca a 12 quilómetros buscar a cantaria. O Sérgio saiu de bicicleta para o Espinhal a 15 quilómetros comprar palha para o boi. O Lisboa também se levanta cedo para ir para a forja. O *caraquita* e o *escadote* vão fazer as papas e o Leiria que é o cozinheiro distribue o comer aos que saem cedo e trata do almoço. Os outros levantam-se mais tarde e depois de comer vão para a escola ou para as obrigações ou com as ovelhas, etc.

Há dias vieram cá umas senhoras de Coimbra visitar a casa. O *negro* mal as viu ao fundo da quinta veio a correr dar a noticia. *Ai que cheirinho lá vem.* Depois de visitarem as dependencias foram na camioneta para Coimbra. Deixaram cá varios embrulhos com castanhas, figos, e bolos e dinheiro.

Ficamos de no próximo domingo ir jogar a Semide. Nós vamos com intenção de a derrota não ser tão grande como da outra vez.

Temos cá em casa o que veio da aldeia de Paço de Sousa. Ele é o carpinteiro. Tem muita habilidade. Já fez uma arca que leva 125 alqueires de milho. E' pena não haver quem a queira encher com o dito cereal.

Chegou há dias um pequenito de Coimbra a quem morreu os pais e quase toda a família com tuberculose. E' pequenito mas tem aspirações. O costureira perguntou-lhe assim: — Então Carlos, quando fores grande para que queres seguir, que officio é que escolhes? Eu quero ser professor porque gosto muito de estudar. Queres ir para Padre. Oh! Padre não, não quero ser Padre. Porquê? porque depois já não me caso. Então tu queres casar, para quê? para trabalhar mais a minha mulher.

Os nossos pobres este ano não podem ter bom Natal. O ano passado ainda lhes demos boa esmola tanto aos da conferencia como aos do Hospital de Coimbra. Até agora recebemos para êles 15\$00 de Coimbra e algumas revistas e 20\$00 de Lisboa e uma roupita que deram ao *fala-Barato* quando foi vender o Gaiato à Lousã e uma peça de flanela do Snr. Zé Ninguém de Lisboa. Fui leva-la, do mandado do Snr. Padre Adriano, às creaditas dos pobres. Logo que a viu, a creadita que a recebeu, ficou toda contente e disse assim: *ai que riqueza!* Deus queira que o menino Jesus se não esqueça também de nós.

# MIRANTE DE COIMBRA

Aquela história tão linda, duma criança inocente que aparece no mundo cantada pelos anjos, misteriosamente iluminada, adorada pelos reis, visitada pelos pastorinhos — não passa, para muitos, dum mito aliás poético, para ser contada na noite de Natal, às crianças que adormecem embaladas num sonho feliz que termina no alegre sapatinho de prendas. Mas a realidade bem menos poética, é muito outra. E é nela afinal, que se encerra a preciosa lição que o Verbo quis dar aos homens de boa vontade.

Cala-se o cansaço duma longa viagem, a dôr profunda duns pais sem lhr para receber o filho querido, depois de muitas horas de esforços vãos, sem alimento suficiente, à procura dum pequeno abrigo. Cala-se a mágoa duma pobre Mãe que não dispõe dum bercinho nem duns pobres abafos para acalantar um tenro menino. Cala-se o egoismo e indiferença dos homens, a inveja e ambição dum rei, a frialdade da noite, a pobreza dum curral, a imundície dos animais, a tristeza duma noite escura, o amor dum Deus!

Mas a lição fica de pé. Não a esqueçamos: a dignificação da Pobreza.

Ora esta história sempre nova apesar dos dois mil anos que sobre ela rolaram, vejo-a eu deste mirante, dia a dia, em presépios que não são de verde musgo e figurinhas que não são de barro pintado.

Parece estranho o que vou contar, mas não é. Encontrei-me há dias com um homem encadernado num *terno* novo de botões doirados, à porta do escritório. Antes de falar deixa correr officiosas lágrimas. Mirei-o de alto a baixo. Decididamente este mundo é uma mentira pegada.

—Talvez não acredite, padre, mas venha ver. Sai de casa em jejum. A minha mulher perguntou-me à saída: que hei de fazer para o almoço! Calcule como ando por aqui. Não tenho nada, nada, em casa que comer e são horas de almoço.

—Mas essa farda...

—Vesti-a há pouco depois de muitos meses de desemprego e de peregrinar para o Dispensário. Ainda a não paguei toda, e para isso tive que vender até o chale de minha mulher. Ela vai ter uma criança e olhe: sem agasalho e sem alimento... Por estes inocentes é que é a minha maior mágoa! A história de Belém repete-se. Esta, que conto não termina aqui, mas eu resumo.

Dias depois voltou o nosso homem já no seu fato gasto contar o resto: a criança nascera defeituosa, raquítica, num quarto sem luz, sem assistência.

Minha boa Senhora: o Menino Jesus não é aquele bonequinho de barro coradinho, rodeado de luzes eléctricas coloridas, com uma bandeja de prata ao pé.

O Cristo de Belém, de Nazaré, do Calvário, veja-O aqui, na cama dos hospitais, nas crianças esfarrapadas e abandonadas, nos braços descarnados de mães famintas. Manda para Ele, a esmola desta quadra. *O que fizerdes ao mais pequenino, a Mim o fareis.*

P.º Adriano.

# Crónica do Lar do Porto

Rua D. João IV, 682



Aqui não há poesia. Há mas é porcos. São os porcos. Estas instalações são as antigas. Agora, na aldaia, é outro cantar. Até luz eléctrica! Não é para uso dêles, já se vê; é para os tratadores.

O pedido aqui feito a favor dos nossos pobres trouxe-nos bastante roupa, tanto de cama como de vestir.

Estavamos a ver que não se arranjava azeite para dar às famílias pobres que visitamos, mas até isso se conseguiu.

No domingo o Sr. Padre Américo fez o pedido do costume nos postos de Rádio. O ultimo foi o Rádio Clube do Norte onde o Julio foi entrevistado sobre o que é a nossa conferência dos pobres. E' que êle é o presidente. O Julio fez como os galos para cantar: fechou os olhos e disse o que são as conferências de S. Vicente de Paulo e como a nossa trabalha. Disse que visitamos agora oito famílias e que para uma delas que não tinha casa tivemos de alugar uma casa de ilha e

que precisamos de alugar outra casa pequena, mas não se encontra.

Também disse que não tínhamos azeite para dar aos pobres e logo veio uma pessoa dali perto entregar 1 litro dêle. E o telefone começou a tocar e outros ofereceram e na segunda-feira a gente começou a entregar as consoadas aos nossos pobres. Foi uma garrafa de azeite, um quilo de macarrão, um bacalhau de quilo e cinco quilos de batatas. Como tínhamos dinheiro no cofre resolvemos dar 50\$00 a cada pobre mas com medo de que a fatura os leve a estragar como muitas vezes sucede, o dinheiro só é distribuido para a semana.

Uma senhora da Rua do Freixo deu-nos mais roupas e azeite; um sacerdote também nos deu roupas de cama e outras. De Braga recebemos um vale de 20\$00—tudo para os nossos pobres.

\* \* \*

Além das ofertas para os nossos pobres também vieram várias consoadas para nós. Só duma parte vieram: uma saca de feijão, uma saca de macarrão, um leite vivo, latas de atum e um caixote de bolachas e vinho fino; mais uma caixa de vinho do Porto; mais uma duzia de garrafas de vinho do Porto; 400\$00 dum benfeitor e 200\$00 doutro; um pacote de figos. E aproveitamos a ocasião de repetir que os 100\$00 dum casal ditoso deram aqui entrada e muito agradecemos mais uma vez.

## Assinaturas pagas

Mal refelto ainda daquela noticia deliciosa que nos veio da cidade da Beira, com um rôr de novos assinantes, de novo desmalo com outra semelhante, de Sá da Bandeira. E' o continente negro a marcar presença!  
Um senhor daquela cidade, diz que recebeu de alguém, por acaso, o numero 62 de O Gaiato: Li com a maior atenção e fiquei sabendo.  
Ficou sabendo e deseja que os outros também saibam, dai uma lista com uma pancada de assinantes; doutores, oficiais do exercito, comerciantes—gente de Portugal. O dinheirinho, tal como no caso da Beira, veto à frente! Assim dá gosto escrever. De maneira que vamos ter uma carreira de noticias de Angola à Contra Costa. Noticias do garoto da rua. Temos o mapa cor de rosa.  
O Continente branco, em virtude do entusiasmo que vai por além-mar, segura-se o mais que pode, para não perder a camisola amarela. Hoje levantou-se Esmoriz. Esmoriz com 27 assinantes e dinheirinho na ponta da unha, por vale do correio, pagavel em Cête, e não Porto ou Penafiel, como alguns ainda atelmam! Esmoriz, a dizer que há ali 4.500 almas, com uma grande igreja ou salão de Bombeiros onde posso ir dizer coisas da Obra da Rua. Esmoriz tão linda, a olhar pro mar. Ele doutores, êle professores, êle comerciantes, êle o senhor Abade. Padre Vieira Pinto, o ultimo o sim, mas não o mais pequeno. Tudo quer assinar.

Maria Henriqueta Godinho de Almeida Correia, Tomar, 20\$00; Maria do Carmo Mendes Godinho de Almeida, Tomar, 30\$00; Maria da Encarnação Viegas Mousinho Ramos, Viana do Castelo, 20\$00; Maria Efigénia Correia Cardoso, Coimbra, 40\$00; Dr. Joaquim Godinho, Covilhã, 50\$00; Manuel Godinho Sênior, Covilhã, 30\$00; Joaquim Martins Maia, Anadia 50\$00; Dr. J. Nunes de Almeida, Lisboa, 60\$00; Carlos Ramos Pereira, Espinho, 20\$00; Rodrigo José Correia, S. João da Madeira, 25\$00; Conselheiro Dr. Júlio Sampaio Duarte, Arcos de Anadia, 50\$; Frei D. Gabriel de Sousa, Negrelos, 50\$.  
Padre José Martins, Cantanhede, 20\$; D. Manuel Lema Monteiro, Gondomar, 30\$; Flor Matos, S. Brás de Alportel, 10\$; Viscondes de Treizêdo, Viseu, 50\$; Alfredo Pinto dos Santos, Porto, 100\$; João Resende dos Santos, Anadia 20\$; Arlete Reis Vidigal, Sábara, 50\$; Manuel Gomes da Silva, Algés, 50\$; Maria Soares da Costa, Casaldêlo-S. João da Madeira, 25\$; Raúl Adelino Torcato Barroca, Porto, 30\$; Maria Emilia de Vasconcelos Carvalhães, Régua, 30\$; Sofia Palhota, Lisboa, 24\$; Orlando Alves Oliveira, Senhora da Hora, 50\$; Dr. Elmano de Morais da Cunha e Costa, Lisboa, 50\$; Albino Faria Lisboa, Lisboa, 50\$; Dr. Joaquim Augusto Vasco, Covilhã, 50\$; Maria Clementina Lopes, — 2 anos — Olhão, 50\$; Isabel Maria Madeira de Sousa, Olhão, 15\$; José Olarco Rodrigues, Lisboa, 20\$; Dr. Armando Cambre, Chamusca, 25\$; Maria Fernanda Almeida Santos, Tomar, 12\$; Isaura Maria da Cunha, Tomar, 12\$; Maria Amélia Gomes da Costa, Rio Tinto, 20\$; Adriano de Lencastre, Vila-Meã, 25\$; Pedro Temudo, Porto, 50\$; Jaime Henriques da Cunha, Coimbra, 20\$; Ilídio de Faria Guimarães, Vila Nova de Gaia, 30\$; Conego Manuel dos Santos Rocha, Coimbra, 50\$; Padre António Joaquim de Carvalho, Vila-Real, 40\$; Manuel da Silva Fróis, 20\$; Irene de Oliveira Brás, 25\$; Delfina de Matos Tavares, 25\$; todos de Vila de Rei-Bôafarinha.

Maria Beatriz Faria, Lisboa, 20\$; Celeste Farinha Brás, Bragança, 50\$; Antónia Goncha Soares, Porto de Mós, 50\$; Manuel Rodrigues Gomes, Porto, 100\$; Agostinho Ferreira dos Santos-Portela de Lobão-Feira, 12\$50, António Pereira Coelho, Portela de Lobão-Feira, 20\$; Daniel Marques Dias, Souto da Branca, 50\$; Rosa Aparício Antunes, Crato, 20\$; João da Conceição Costa,

## Outro Caso

Vinha a dizer em o jornal daquele dia. Era o *Comércio*. Custa-me um poder de dinheiro a sua assinatura, mas quê? Já propuz permuta e disseram-me que não, por causa não sei de quê. Pois vinha lá a falar de *Proezas de Gatunos*. Comentava dois ataques audaciosos por dois matulões (lá estava assim) de 20 anos, cometidos em plena rua e pleno dia, e acabava: «Confiamos na boa vontade de quem superintende para que a cidade seja limpa de vadios e ladrões.»

Não sei bem porquê, e nunca leio estas coisas como elas veem na chamada grande imprensa. Nunca. Tenho outros conhecimentos. Vou logo às fontes de onde o mal promana e é ali, nas fontes, que se o vejo. E' de lá que o puxo para que os mais também o vejam.

Ora escutemos: Era de uma vez eu, a pedir numa igreja. Na sacristia aparece um rapaz e um senhor com êle, a contar a história. E' o estafado conto do rapaz que sai do asilo aos tantos. Este saíra aos doze. Hoje, tem 14. O que êle passou durante estes dois anos, sei, mas não digo. E' indecoroso para nós. O que eu pretendo é que êle esqueça, perdoe e ame. Mas continuemos: mal entrei, vêm os dois ter aonde a mim, senhor e rapaz. Eram, até, dois senhores. Não sei. Que não. Não posso. Não tenho lugar. As casas de assistência que levem até final a sua missão. Que não há direito ser eu o pião das nieas.

— Ande lá. O rapaz não tem ninguém. Dorme nos albergues.

Dei mais uma investida; que não. Não senhor. No Porto existe um Curador de Menores. Vão a êle. Os dois senhores tiveram pena de mim e aceitaram o alvitre. Foram ao Curador.

— Só por um processo. E' preciso haver crime. O orfão, cansado de penar, veio aqui ter pelo seu pé. Vinha descalço, esfarrapado. Olhava-me sem dizer nada.

— Que queres que eu te faça?  
— Tenha pena de mim. Eu não quero ser gatuno!  
O *Periquito* passava ali. Entreguei-lhe o mártir.  
— Rapa, dá banho, veste. Mostra-lhe a cama e o refeitório.

O farrapão vai todo contente, ao lado do *Periquito*. A' noite, escolhe o officio: Alfaiate.

Hoje encontra-se no que é seu. Chama-se o *Directo*, com perdão do Senhor que de uma vez me ralhou por causa das alcunhas. Chama-se o *Directo*. Porquê? Foi o *Morteiro* quem mo disse: E' que ele passou directamente da rua pra officina!

Alguém que nos enviou uns tantos metros de burel, da Guarda, vai vestir o escorraçado. Os companheiros, andam interessados em fazê-lo, ao pé do mestre, já se vê. Que o senhor da Guarda se regosije.

Ora aqui temos nós uma fonte dos tais *vadios* e *ladrões*, de quem o senhor da noticia no *Comércio*, deseja ver a cidade limpa. Ele e nós. Todos nós.

Enquanto houver tabelas nos modos de fazer assistência, temos de contar com legiões de vadios nas ruas, a pedir contas à gente...

E mais nada.

Setúbal, 50\$; Edite de Carvalho, Matozinhos, 25\$; Fernando Gilberto de Sousa Júnior, Guimarães, 30\$; Francisco Luis da Fonte-Africa Ocidental-Mucate, 50\$; Valentim de Carvalho, Lisboa-2 meses-50\$; Padre José Querido, Serra de Bouro, 25\$; Joaquim Moreira-Carvalho--Outeiro--Galegos, 25\$00.

## Nota da Quinzena

Era já noite, quando nos apareceu aqui uma mulher mal trajada, a pedir para vêr o filho. E' muito raro aparecer família da nossa gente, uns porque a não teem, outros porque sim, mas não se importam, e ainda bem.

Pois apareceu a mulher fóra de horas e eu mandei dizer que não. Insistido, fui eu mesmo ter com ela, e pinteí a macaca. Que não. Que não eram horas de fazer visitas.

Eu tinha chegado do Porto, naquela maré, e trazia mostarda no nariz, por coisas que lá me aconteceram. Chego a casa e... mais mostarda. A gente quer reagir. Quer dominar-se, mas não pode. Os anos. A fraqueza. O desgaste natural. Trabalhos de que só a morte nos pode libertar!

A mulher continua, sem dar razão às minhas razões: *O meu filho!*

— Sai hoje da cadeia. Pedi dinheiro emprestado a uma mulher. Vim no primeiro combóio.

— Alto, disse eu com os meus botões, temos alguém embrulhado em farrapos.  
Uma vez libertada da prisão, procura o seu filho. Pede emprestado à mulher da viela. Toma o primeiro combóio. E' noite? Chove? Que importa! Não sabe o caminho? Pergunta! *O meu filho!*

Mandei buscar o Albino, pelo enfermeiro.

Ele fóra depilado e encontra-se, ainda, apartado. Tem 8 anos, muito definhados. Andava pelos caminhos, sózinho. *Sai hoje da Cadeia*. A mãe toma-o nos braços. Notei e regalei-me de vêr o jeito com que ela pega no filho e o jeito com que êste se enrosca no seu colo. Parece que ainda se lembrava dos tempos em que andou no ventre!

Muitos dos nossos que estavam em cima a escutar o relato, descem. Há uma grande dúzia à roda do espetáculo enternecedor.

O enfermeiro espera. A Mãe dá no filho o derradeiro beijo. *Fique com o meu nome. Com a minha direcção. Ele pode adoecer e morrer...!*

Voltou o pequenino à enfermaria. Fica ali a Mãe de pé, a contemplar com seus olhos os rapazes em volta dela. Trazia na mão uma saqueta feita de trapos, abre e diz: *vou dar estas castanhas ós meninos*.

Não tinha comido nada naquele dia; primeiro o filho. E agora que o tópa, o pouco que tem para comer, quer dar, de contente! Era alguém que ali estava, embrulhado em farrapos!

Se alguém fór capaz de chegar ao fim desta leitura com os olhos por humedecer, não leu. Não compreendeu.

Oh jornal terrível! Quem puder fugir de ti que fuja!

# Isto é a Casa do Gaiato

**O**NTEM de tarde, a nossa tropa exultou com a chegada do pastor, do monte Calves, mai-lo rebanho. E' que ele trazia ao colo um cordeirinho que lá nascera. Hoje de manhã, nova pincelada. Foi o pastor que a deu, à hora das papas: *mais um cordeirinho*. Nascera outro durante a noite, no redil. Razão tinha o pastor, quando há dias me disse, que andavam seis pra ter. Seis ovelhas. Três já tiveram. Ontem à noite, à hora do tribunal, foi nomeado um novo ajudante do pastor, no impedimento do que estava em exercício. Chamou-se o pastor ao meio da sala e chamou-se o futuro ajudante. E' o Joaquim. *O Alpedrinha*, por ter vindo de lá. Perguntado se tinha medo do carneiro, disse afoitamente que não. *Eu cá não senhor. Na minha terra ai-os maiores*. No que foi muito aplaudido e o pastor, vexado. O pastor tem medo. Já falamos no Porto a uma desnatadeira e uma bateadeira. Se o pastor se não enganou nos calculos, e parece que não, com seis ovelhas e quatro vacas havemos de ter cá em casa merendas deliciosas, feitas de pão de borã untado com manteiga. Assim se furtam homens ao banco das ruas.

**E**U vi com os meus olhos. Estive presente, regalado. Foi à entrada do refeitório, prás papas; a balburdia mais simpática de todas as balbúrdias da nossa casa. Pois muito bem. O Gari, refeiteiro chefe, plantou-se à porta e intima 135 rapazes, um por um, a limpar os pesinhos: *Limpa!* Isto já aqui se disse, mas eu não me canso de o dizer, para que os meus leitores apreciem o zelo e a autoridade dos chefes.

**A**S papas dos que não comparecem à chamada, pela urgência das suas obrigações, são colocadas na chapa do fogão, à espera que eles cheguem. Oh beleza! Ver os rapazes em roda, a comer as papas quentes e eles muito quentinhos do calor do fogão! Os cozinheiros na sua faina, os ajudantes da mesma sorte, a *senhora* a dar leis, o Top aninhado, os pintos do Constantino no cêsto, os gatos no seu posto, — e os pequeninos trabalhadores a comer papas em sua casa, contentes, por saberem que amanhã à mesma hora, no mesmo sitio, tornam a comer papas. Eles que nunca tiveram horas de comer, — nem quê.

**E**STAVA eu pôsto no genuflexório da capela, manhãzinha, a preparar-me para celebrar. Missa preparada. Missa saboreada. Missa agradecida. Estava eu assim, digo, quando noto que o Veiga se dirigia aonde a mim, um nadinha exaltado. *Nasceu um toiro*, disse baixinho, por respeito ao lugar e à minha oração. Mas a febre de contar era muita alta. O rapaz levanta a voz gradualmente e no fim, quasi que gritava: *E' um toiro muito forte. E' maior do que a toira de noutro dia. Fui chamar o Daniel e vieram todos ver. Aquilo é que é. Venha ver.* Os rapazes embriagam-se com a vida a despontar. Ele nos campos, éle nas árvores, éle nos estábulos, éle nas capoeiras, éle nas pocilgas: — *Venha ver.* E' a vida. Não fui. Fui mas é celebrar, mais o Ernesto. Uma mulher do povo, assistiu. No fim, tira uma garraffa de debaixo do braço: *se podesse ser uma pinguinha de azeite!* Quanto mais não vale dar uma pinguinha de azeite por amor de Deus, do que apambarcar e vender com exito pipas dele, por amor de si mesmo — quanto!

**N**ÃO torno mais a empregar termos fóra do alcance dos leitores cá de casa. Não torno. Eu quero ser rasteirinho, para que os *Pequenos* me compreendam. Já quando era prégador, naquele tempo, fazia

ginástica nos pulpitos, para botar deles abaixo a palavra que o povo podesse mastigar e engulir. Não torno. Foi o caso que, ontem, à chegada à aldeia do ultimo *Gaiato*, vejo um *rór* dos nossos a perguntarem-se: *O que é episódio?* Vinha lá esta palavra a epigrafar. Expliquei.

**O** Delfim, *Batata nova*, veio ontem ó tribunal. Respondeu por ter ido à venda comprar seis tostões de figos. Já foi muito ir à venda. Mais foi o ter ido com o dinheiro. Muito mais, terem sido tostões pedidos aos visitantes. *Porém*, o pior de tudo, é que *Batata* mentiu. Disse que não foram os senhores, que lhe tinha sido cá em casa que lhe deram o dinheiro. Tão pequenino, tão simpático, tão flor, e já mente! Não lhe dei chocolate.

**H**OUBE aqui agora mesmo uma nota um nadinha alarmante. Foi o caso que o telefone deu sinal. *Tiroliro* e *Gastão*, esfregavam a sala aonde o aparelho se encontra instalado, mas não atenderam, de pressurosos. Já tinha tocado a sineta pra merenda. A merenda! Não atenderam, mas acode o Vieira, um dos creaditos de dentro. Mal este toma o auscultador, aparece logo, a disputá-lo, o Carlos Inácio. Vieira refila: *Já cá estou*. Mas quem refila a valer é mas é o *Tiroliro*. O chão da sala está esfregadinho com sabão. E' suor do seu rosto. Que vem fazer o Inácio, se o Vieira já está ao telefone? Sujar. Sujar o que está limpo. Foi esta a razão pelo qual os dois se pegaram com valentia. Toda a minha pena é que *Tiroliro* seja mais fraco do que o Carlos Inácio!

**O** *Periquito* tornou a comer. Comeu boas. Foi do *Rio Tinto*. Do chefe de mesa. Foi à hora das papas. O chefe deu um aviso e *Periquito* fez pouco. Tanto bastou. Espera-se que *Periquito* entre nos eixos.

**H**OJE vieram duas queixas. Vem tudo dar aonde quer que eu esteja. Eu é que sou. A primeira foi do Delfim, a dizer que o *Faisca* lhe roubara a borã. Saído que foi o Delfim, aparece o *Sapo*. O *Sapo* é eloquente. E' desembaraçado como as ondas do mar. Ele é da Murtosa. — Eu estava a rapar o taxo e o *Camoeca* foi lá e tirou o comer com as mãos. O taxo mai-los seus rapadores é um dos pormenores mais soberbos que cá temos em casa. A vazilha é grande e eles são muitos à roda dela. Ouve-se ó longe: *Tira pra lá a colher que não és tu!* As colheres, por mais fracas, são os que mais padecem. O taxo, esse resiste. E' blindado. Aqui, só coisas blindadas.

**O** *Periquito* anda aqui todo formalizado com o senhor Joaquim, por este ter mandado vir o barbeiro de fóra, para lhe cortar o cabelo. *Então eu não estou cá?!* Está sim senhor, mas o senhor Joaquim não o quiz. Ora a malta raciocina assim: se o senhor Joaquim, que é cego, não quer o *Periquito*, que havemos nós de fazer? Ora aqui é que está a desfeita.

**O**UVIU-SE, hoje aqui um berreiro desudado. Ele das oficinas. Ele dos campos. Ele da escola. Ele das obras: *E' o perneta. Olha o perneta. Chegou o perneta.* Eu estava em cima, na casa-mãe, e sai à varanda. *Está aqui o perneta, olhe.*

Ora os senhores recordam-se do caso que se relatou aqui em o numero passado, dum cão vadio que veio à ter? Pois bem. Eu arranjei pessoa que nos ficasse com éle e para lá se mandou o transviado. Houve pequeninos esboços de

protesto, na altura em que o cão se foi. Ele já tinha nome. Era o *perneta*. O nome vinha-lhe de trazer uma perna no ar! Houve, sim, mas tudo se abafou. O cão não foi botado fóra. Mudou, até, para melhor. Menos tormentos. Mais paz. Os rapazes levaram tudo a bem, e não se falou mais no caso. *Mas*, — o cão quebrou a cadeia e vem direitinho aqui! As feridas não tinham ainda cicatrizado! *Olha o perneta!*

**H**OJE choveu todo o santo dia. Que fazer dos nossos bebês? Eles não são da escola. Que fazer? Muito simples. Um grande cêsto de feijões na cozinha. Pratos à roda. Ordem de escolher: *pequenos aqui, grandes acolá.*

A's cinco vem a merenda. E' o five ó clock. E' de leite. Dezoito pucaros de leite. Quentinho do fogão. A borã às fatias, é um amor. Eles são amores que não eram, nunca foram amados! Senhor, do Céu; não há no mundo quem mereça ser chamado para assim amar. Ninguém!

**V**ENDEMOS uma toira. Ela era para abater, mas fizemos as contas e com o dinheiro que da venda se esperava, poderíamos ir ao telho 4 vezes, que são as 4 semanas do mês. Assim aconteceu. Os rapazes foram aqui perto, à feira dos 7. Levavam ordem de pedir 1.500\$00 e descer até 1.200\$00. Menos, — nem nada. Venderam por 1.250\$00. Cada talho, custamos à roda de 300\$00. Comemos carne ó domingo. Comemos, é favor. Cheiramos.

Temos outra rês à bica. Aos 23 vai à feira. Dando para 4 talhos, vende-se. E já nasceu mais uma cabeça. E' um toiro. Para este fizemos outras contas. Pró Natal tem um mês... Está tudo dito. Não nos fica nada mal dar fartura aos rapazes naquele dia.

**O**NTEM à noite andavam todos os da cozinha à procura do *Magala*. *Que é do Magala?* Era a pergunta da ocasião.

Houve quem o tivesse visto à merenda. Outros, davam testemunho d'ele na doutrina. Os cozinheiros afirmavam que ele ceara.

Aproximam-se as horas de recolher, cada um a sua casa. *Gastão* e *Sapo*, fazem as derradeiras pesquisas entre a lenha, na casa da lenha. Nada! Fômo nos deitar. No dia seguinte, oiço a noticia em primeira mão do *Formiga*:

— Um homem achou o *Magala*.

— Aonde é que éle o achou?

— Foi nas tabuas dos carpinteiros! O *Magala* caminha sim, mas muito devagarinho. Ele só tem 6 meses de casa. O *Chegadinho*, aos dois anos, ainda fazia o mesmo. Hoje já não. Assim se espera do *Magala*. E' mais fácil fazer o mal do que curar o mal.

**O** *Bucha* tornou a fugir. Foge sempre para o mesmo sitio; para a Vila de Paredes, aqui a uns tantos quilómetros. Não é verdadeiramente fugir. Vai até lá, matar saudades. Ele andava pelos tascos a cantar. Cantava por figos e por tostões.

Como temos amigos em Paredes, avisam de lá e mandam-no. Veio agora mesmo recado: *Ai vai o Bucha*.

Outro que se há-de corrigir a seu tempo. São obras da natureza. Caminham a passo lento. Uma coisa já aprendeu o *Bucha*, por si mesmo. Não canta cantigas feias. Só canta as bonitas. Foi ele mesmo que fez a descoberta: *Esta não que é feia, e muda. A força do ambiente!*

**O** *Taquedinho* anda na escola. Desde que lhe deram a saca e os livros, éle nunca mais a largou. No refeitório, nos

trabalhos, na capela, no recreio, todos os dias!

*Taquedinho* mai-la saca é o actual espectáculo da nossa aldeia.

**O**UVI dizer de uma vez, a um pai de dois filhos, que gostaria de ter muitos filhos, para que mais tarde, na vida, se ajudassem uns aos outros. Ouvi e guardei. Mal diria eu, naquele tempo, que viria mais tarde a ser pai de muitos filhos! Hoje, faço meus os desejos daquele pai e extendo-os, sobretudo, ao mútuo auxilio que estes rapazes se venham a prestar pela vida fóra. As provas actuais são boas. Exemplo: *Júlio* e *Ferreirinha*, frequentadores da escola comercial à noite, fazem dos dois um par de luvas. Cada um calça sua, na mão que segura o livro. Seguem ambos agasalhados, a par, contentes. *Mais eu, quando observei*. Mas há mais. Dos que costumam vir passar cá o fim de semana, não é raro ver que um traga roupas do outro. Aqui em casa, isso então nem se fala; tudo é de todos. Quando algum traz saca, o que é raro, fica admirado de logo a perder de vista, e chora por ela: *que é da minha saca; eu quero*

*a minha saca!* Ora eu gosto muito que cada um tenha o preciso, sim, mas não mais do que aquilo que precisa. O que mata o mundo é justamente guardar-se a sete chaves o que se pode e deve dispensar em favor dos mais. Aqni é que está.

**D**EPOIS de ter dado a lume a noticia antecedente, soube outra, no Porto, muito pouco edificante. Foi o *Amândio* que me contou, a caminho da Baixa. Será assim? Se é, fico mal no conceito que fazia destes rapazes.

O *Amândio* pára no meio da rua, levanta um pé, mostra e diz: *olhe, estas botas são do Ferreirinha*. Ele deixa-me andar com elas, sim, mas tenho de lhe pagar «meias solas». Já paguei uns ta-«cões ó Oscar, por também ter «andado com uns sapatos dele. «Eu cá não tenho sapatos».

Ora isto vem deitar por terra os meus desejos. O *Ferreirinha!* O *Oscar!* Os dois a comerem ta-«cões e meias solas ó pobre do *Amândio!*

Enganei-me. Onde digo que tudo é de todos, quero dizer — menos solas e ta-«cões.

## Uma carta

Gostava de saber escrever! para melhor ispremir o que sinto pela obra! mas não, não sei! sou uma póbre criada de servir, que nunca andei na escola, o que sei aprendio á minha custa.

Gostava também de o ajudar! mas Também, não poço! tenho uma filhinha de 12 Anos comigo, na casa que sirvo há 15 Anos, e pouco ganho menos. Mas leio o gaiato de fio a pavio, pois a menina da casa, é a-«nante, tenho pena que essa obra não seja conhecida por tôda a gente e principalmente na minha terra éla é descunhecida! Lembrei-me de escrever a um Rapás delá, a pedir se éle quera a «finar o Gaiato! que era uma obra muito bunita, ele respondeu-me que sim, que dêsse a direcção dele, visto que ele não conhecia nada.

Meu bom Padre não calcula a minha alegria em ter conseguido que esta obra seja conhecida na minha Terra! Já que eu não poço faser nada! que os que podem, o fassam!

Mando junto a direcção do rapás para que lhe seja já na próxima semana enviado, o Gaiato como éle me pede e Deus queira que este traga outros.

Eu entregarei a qui em Coimbra a um Gaiato o Dinheiro da acinatura com o nome do próprio para saber de quem é, ou entrego na Alta na casa do mesmo Gaiato.

Meu bom padre peça por mi, e por minha filhinha que Deus lhe de o melhor sorte do que eu tive, eu também pedirei a Deu para que a obra do Gaiato viva sempre, e nunca acabem as boas almas benfeitoras.

Vai tal-qual. Ela é uma oração. Ela é, também, uma lição. Veio aqui há dias uma rapariga nova, com o filho pela mão, pedir que ficasse eu com éle. Disse-me como fóra a desgraça. Disse-me que os patrões a não querem, por causa do filho. Disse-me que o jornal que tem, não dá para pagar à amã. Disse-me a verdade e eu disse-lhe a verdade. *Não quero empobrecer-te, rapariga. O teu filho é a tua riqueza.*

Não me enganei. Aqui temos um exemplo.